



que lhe escondiam os óculos para ganhar brinquedos e merendas.

Amparando-me nos braços de vovó, tão carinhosa e tão boa, senti muitas saudades de mamãe e chorei muito.

Nossa querida velhinha, porém, consolou-me, explicando que, um dia, mamãe e vocês virão também para o nosso novo lar.

VIII

O MÉDICO

Ainda não havíamos terminado as expansões de carinho e alegria, no reencontro, quando o médico esperado chegou.

Tia Eunice foi recebê-lo e trouxe-o à câmara.

Bem humorado e bem disposto, ele distribuiu saudações cordiais com muita alegria.

Examinou-me atenciosamente, aplicou-me raios de luz, acionando pequeno aparelho que não sei descrever, e, em seguida, passou-me a mão direita, em silêncio, muitas vezes, sobre o peito e a cabeça, observando eu que de seus dedos se desprendiam faíscas de luz azulada e brilhante.

Terminadas essas operações, levadas a efeito diante de todos os nossos, entrou a conversar, satisfeito e otimista, dando-me a impressão de que se achava muito mais preocupado em dar-me ideias novas que remédios.

Não me perguntou pelo clínico que me tratara em casa, não se interessou visivelmente por minha garganta dolorida, nem fez qualquer indagação que me pudesse transportar o pensamento para a situação passada.

Com habilidade, compeliu-me a esquecer a dor e a aflição, distraindo-me com assuntos muito interessantes.

Perguntou-me que profissão teria eu escolhido na Terra, se continuasse entre os espíritos encarnados, e, quando lhe disse algo do meu pendor para a aviação, começou a discorrer de modo tão fascinante sobre o progresso da ciência de voar, que me senti francamente outro, despreocupado das ideias de moléstia e apego inferior ao corpo físico que abandonara.

Falava como experimentado professor de navegação aérea.

Ouvia-o, por isso mesmo, com crescente assombro.

Depois de inteligente exposição sobre o tema que tanto me interessava, assegurou-me que conhece o nosso Santos Dumont, prometendo-me outras palestras sobre a aviação, na primeira oportunidade.

Reconhecendo que o bondoso médico ia colocar ponto final à conversação, arrisquei-me a perguntar, absolutamente esquecido de minha enfermidade:

— Doutor, o senhor acredita que poderei continuar estudando aqui?

— Como não? — respondeu, contente — ninguém precisa interromper o serviço de educação própria, por se haver privado do corpo de carne terrestre. Espero vê-lo animado e fortalecido, em breve tempo, para estudar e adquirir conhecimentos novos.

Essas palavras enchiam-me de estímulo e satisfação.

Ao despedir-se, recomendou que eu fôsse matriculado no Parque dos Meninos, onde teria os benefícios que me eram indispensáveis, no que vovó Adélia e Tia Eunice aquiesceram, agradecidas.

Quando o médico se foi, notei que deixara de escutar os gritos de mamãe e que as dores haviam desaparecido inexplicavelmente.

IX

A VILA

Durante alguns dias permaneci no leito de convalescente, combatendo, sob o carinho dos familiares, as impressões nocivas que me dominavam o pensamento.

Antoninho, nosso primo, não se demorou mais que um dia ao meu lado. Estava em regime de internato, no Parque dos Meninos, e não devia adiar o regresso aos estudos. O médico, porém, visitou-me todos os dias, no espaço de duas semanas, até que me retirei do quarto, melhorado e bem disposto, apesar de enfraquecido.

Vovó Adélia e tia Eunice, visivelmente satisfeitas, acompanharam-me ao exterior, amparando-me nos primeiros passos.